

A assimetria demográfica mundial

NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO DEMOGRÁFICO, as teses populacionistas, favoráveis ao crescimento da população, fizeram prevalecer a sua importância, entre outros factores, pela relação estabelecida entre esse crescimento e o poder político, económico e militar das nações. O populacionismo poderia sintetizar-se pela ideia de Montchrestien (1615), segundo a qual a maior das riquezas que qualquer país poderia possuir seria a «a inesgotável abundância dos seus homens», fonte indicativa do poder e influência do soberano.

Com as cambiantes próprias que o tempo acentuou, é ainda hoje comumente reconhecida a relação entre o efectivo populacional de um país e o seu poder diante daqueles que o rodeiam ou com aqueles outros com os quais interage, embora a mediação do progresso material e tecnológico seja muito relevante, como confirma o cenário que se vive, por exemplo, entre Israel e os seus vizinhos árabes.

Poderá assim afirmar-se que no quadro das relações internacionais contemporâneas, o valor da demografia não é despreciando, seja no plano da avaliação de risco de confrontação, seja para a determinação dos equilíbrios políticos em sede da concertação internacional, seja ainda, e por maioria de motivos,

nas relações económicas e culturais entre os povos. Bastaria lembrar que no âmbito da UE a introdução da chamada cláusula demográfica, no Tratado de Nice (que entrou em vigor em 2003), veio definir um novo conceito de maioria qualificada – assegurada com, pelo menos, 62% da população da União – transfigurando o seu motor político.

O barómetro demográfico

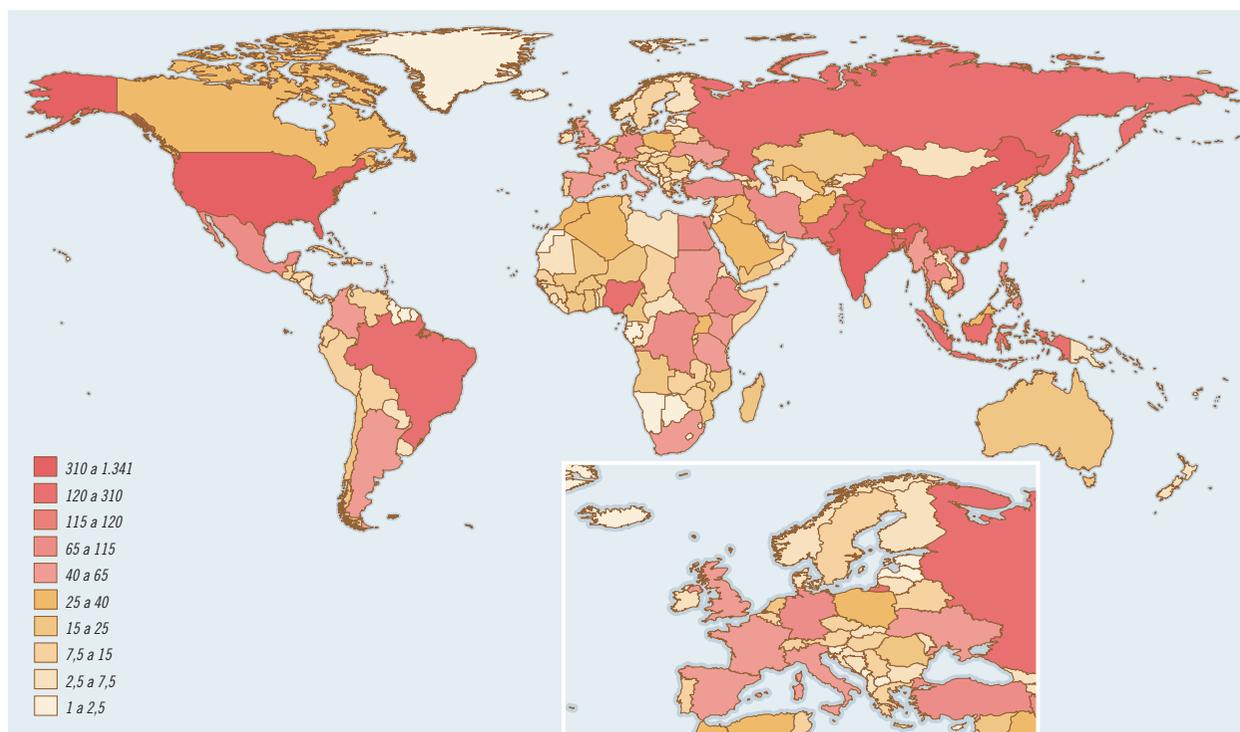
A expansão do efectivo populacional mundial é um dado incontornável do passado e do presente, projectando-se indelevelmente sobre o futuro colectivo da humanidade. As estimativas das Nações Unidas para 2011 apontam 6,97 mil milhões de seres humanos, esperando-se atingir o patamar dos 7 mil milhões já no próximo ano (Nações Unidas, 2010). Em termos prospectivos, para 2050 projectam-se 9,30 mil milhões.

O Mundo é demograficamente assimétrico, não apenas por imposição dos limites impostos pelas fronteiras políticas, mas também pela dinâmica demográfica que cada sociedade interpreta. O mapa “População em 2010” permite perceber a emergência dos gigantes demográficos contemporâneos à escala das nações.

Assim, a China e a Índia, respectivamente com 1,35 mil milhões e 1,24 mil milhões de pessoas, destacam-se de um conjunto de três outros países muito populosos, ainda que numa escala não comparável: Estados Unidos da América, Indonésia e Brasil (este com quase 200 milhões de habitantes). Um conjunto de seis países, de quatro continentes diferentes (Paquistão, Bangladesh e Japão na Ásia; México na América do Sul; Nigéria em África; Federação Russa na Europa), apresenta efectivos populacionais acima dos 100 milhões. É de reter que estes onze países concentram em 2011 mais de 60% da população mundial, sensivelmente o que representavam há 40 anos, e um pouco menos do que se projecta que representem (para 2050 o valor apontado é de 55,4%). No entanto, devemos pensar em cifras distintas: estes 11 países terão, dentro de 40 anos, cerca de um bilião mais de pessoas.

À escala das grandes regiões mundiais, esta realidade sugere uma compreensão que dispensa (e não é perturbada) pelas fronteiras. Com excepção do Norte da Europa, cuja variação populacional nos últimos quarenta anos (14%) será a mesma que se projecta para igual período (até 2050), todas as restantes regiões do globo conhecerão um crescimento entre 2011 e 2050 bastante inferior àquele que se registou entre 1970 e 2010, embora

com diferenças assinaláveis entre si. Poderemos afirmar, sem correr riscos excessivos, que esta anunciada transição demográfica, que corresponde a um arrefecimento do ritmo de crescimento, não impede que esta continue a crescer. Cinco regiões da África subsariana (excepção para a África Austral) experimentarão variações médias anuais de 3% ou mesmo acima deste valor. Mas também a América Central, a Oceânia, a Ásia Central, o Norte de África, a Ásia Ocidental e a Melanésia crescerão a ritmos superiores ao valor médio anual projectado para a população mundial (0,8%). A validade da prospectiva demográfica, contrariamente à económica – cuja incerteza é incomparavelmente maior – assenta em larga medida no facto de a mudança demográfica no devir mais próximo, a vinte ou trinta anos, estar inscrita no comportamento pretérito (sobretudo na mortalidade e na fecundidade) e não ser rasurável por opção individual ou decreto político. Tal significa que, exceptuando eventos extremos (guerras, grandes pandemias, surtos migratórios imprevisíveis), a prospectiva demográfica funciona como se de uma profecia se tratasse. Em face dos dados disponíveis, percebe-se o impacto de uma dinâmica populacional com as características que se vem referindo sobre a exploração dos recursos naturais, sobretudo sobre a água, o solo, o subsolo e a atmosfera. Uma vez mais, a mediação tecnológica poderá atenuar os impactos mais significativos, mas dificilmente inverterá uma tendência de depauperação intensiva e continuada desses mesmos recursos, agravando carências, fazendo perigar a relação humana com o ambiente, sempre tão contingente (entendida na dupla vertente da conservação ambiental e da sustentabilidade do nosso bem-estar), e alimentando conflitos internos e entre nações. A inesgotável abundância dos homens conduz(irá) a uma inevitável abundância de crises ambientais e ecológicas por força da pressão antrópica sobre os ecossistemas e os recursos. Uma maior exposição às secas, às cheias e às pressões ambientais constitui um impedimento de peso para a concretização das aspirações das pessoas (Nações Unidas, 2011) e essa vulnerabilidade correlaciona-se fortemente com a demografia. Mas não só: essa abundância pode sugerir um perigosíssimo questionamento sobre a viabilidade de se manterem as nossas liberdades substantivas, pretexto para recolocar fronteiras onde se havia conquistado o livre-trânsito,



População em 2010 (em milhões). Fonte: ESRI, 2010; Nações Unidas, Maio de 2011.



Título: Taxas de variação da população mundial, por grandes regiões (em %).
 Fonte: Nações Unidas, Departamento de Assuntos Económicos e Sociais. Divisão da População (2011).
 Prospectiva da População Mundial: Revisão de 2010. Edição CD-ROM.

expulsar quem anteriormente se acolheu, ameaçar em vez de cooperar.

O desequilíbrio demográfico mundial – plasmado na diferença abissal entre os efectivos populacionais das regiões desenvolvidas e das regiões menos desenvolvidas, respectivamente 1,24 mil milhões e 5,67 mil milhões – deve ainda ser analisado na sua força impactante sobre as relações políticas internacionais, estaduais e das sociedades civis, tanto quanto sobre a economia mundial, entendida como sistema de trocas, suscitando razoáveis dúvidas sobre a capacidade de manterem e/ou aprofundarem mecanismos regulatórios num contexto de crescente assimetria e escassez.

O desafio das estruturas

A assimetria demográfica revela-se, se possível de modo ainda mais impressionante, com a observação das estruturas demográficas. É insuficiente afirmar que a população mundial em 2011 é composta por cerca de 35% de jovens

com menos de 20 anos (2,43 mil milhões), se não se atalhar que 89,7% desses (2,18 mil milhões) nasceram em regiões menos desenvolvidas. Porém, e pensando no topo da estrutura populacional, seria um erro deixar-nos arrastar pela ideia de que o envelhecimento é uma questão demográfica e social dos países ricos. Com efeito, se os índices de envelhecimento não se confundem – nos países desenvolvidos por cada 100 jovens existem quase outros tantos idosos; nos países não desenvolvidos apenas 20 idosos para 100 jovens – não se pode olvidar que quase 2/3 dos idosos que vivem no planeta Terra (62,6%) podem ser encontrados nas regiões menos desenvolvidas, e, por conseguinte, com níveis de pobreza mais acentuados.

Por outro lado, o desafio da assimetria demográfica reflectida na estrutura da população deve ser entendida pelo reconhecimento da proximidade que se verifica entre regiões jovens e regiões envelhecidas. São dessa proximidade exemplo as regiões da

Europa do Sul e do Norte de África, separadas apenas pelo Mediterrâneo. Olhando para os escalões etários intermédios, que comportam as coortes que correspondem à força de trabalho potencial desses povos (entre os 20 e os 44 anos), verificamos existirem diferenças consideráveis já hoje, mas que se acentuarão nas próximas décadas. Sem perspectivas de assimilação dessa mão-de-obra nas economias nacionais, que muros seria necessário construir para travar a ambição pela margem rica, ali tão perto?

Portugal e a sua situação demográfica no mundo

Com pouco mais do que 10,6 milhões de residentes em 2011, e projectando-se uma diminuição efectiva até 2050, para uma população residente que não deverá exceder 9,4 milhões de habitantes, Portugal representa hoje, e representará sempre, uma percentagem ínfima da população mundial (0,2% agora, 0,1% em quarenta anos). A questão mais sensível, das que foram observadas neste texto, prende-se com a acentuação do envelhecimento da estrutura demográfica, acima dos valores médios da Europa do Sul, da EU 27 e do mundo, sendo legítima a expectativa de uma descontinuidade geracional com consequências sociais graves.

“ [...] o mundo assimétrico que conhecemos hoje [...] tenderá a reforçar as principais linhas do nosso tempo [...] ”

Integrando uma região europeia (Europa do Sul) com sinais evidentes de estagnação demográfica, tendo crescido apenas 22% nos últimos quarenta anos, e que se projecta para os próximos quarenta (até 2050) através de uma variação populacional nula, em clara divergência com o resto do mundo não europeu, Portugal arrisca sobrepor a uma crise estrutural económica uma outra, de natureza demográfica, sem precedentes na sua história secular.

Numa perspectiva de *longue durée*, podemos afirmar que o mundo assimétrico que conhecemos hoje, resultante de dinâmicas muito distintas que marcaram o compasso da história demográfica desde o século XIX, tenderá a

A DESCONTINUIDADE GERACIONAL

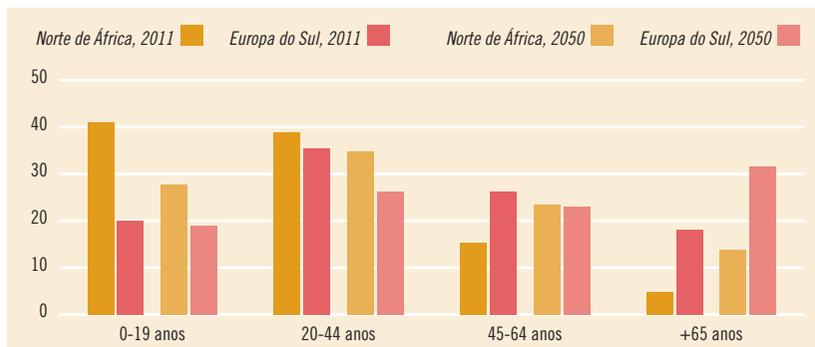
A descontinuidade geracional exprime uma relação entre grupos etários, através do índice de envelhecimento, quando este assume valores superiores a 530 (idosos por cada 100 jovens). Nestas condições teóricas, definidas pelos valores da Descendência Média, admite-se que a probabilidade de uma pessoa com mais de 65 anos poder receber apoio de proximidade com regularidade, em termos de suporte à sua vida doméstica, por parte de um elemento mais jovem, é diminuta ou inexistente. À escala das unidades de vizinhança (quarteirões urbanos, pequenos lugares em meio rural), Portugal tem hoje parte considerável do seu território em risco de descontinuidade geracional elevada ou mesmo severa (determinando um isolamento social e individual extremo das pessoas idosas), suscitando a emergência de uma reflexão sobre o alcance do conceito político de coesão social.

(Machado, 2007)

reforçar as principais linhas do nosso tempo (crescimento global, ainda que mais brando; envelhecimento progressivo das estruturas populacionais; pulsões migratórias acrescidas entre o Sul e o Norte), mas com uma diferença muito significativa em relação a um passado recente: essas tendências ocorrerão num palco mundial globalizado, crescentemente interdependente, e serão mais uma fonte de tensão social e política (nacional e regional), do que factor de apaziguamento. Buhler (2011) recorda Auguste Comte quando este afirmava que «la démographie, c'est le destin», exprimindo a sua convicção de que é tempo de os europeus tomarem o seu destino em mãos e perceberem o significado do definimento populacional em que se colocaram. ■

Referências bibliográficas

MACHADO, Paulo (2007) — *As Malbas que a Cidade Tece – mudança social, envelhecimento e velhice em meio urbano*. Lisboa: TPI 44, LNEC.
 NAÇÕES UNIDAS (2011) — *Prospectiva da População Mundial: Revisão de 2010*. Departamento de Assuntos Económicos e Sociais. Divisão da População, Edição CD-ROM.
 PNUD (2010) — *Relatório de Desenvolvimento Humano 2010 – A Verdadeira Riqueza das Nações: Vias para o Desenvolvimento Humano*. Nova Iorque: Nações Unidas.
 BUHLER, Pierre (2011) — *La tectonique des plaques démographiques*. Telos, versão digital. Acessado a 26 de Maio de 2011 em: <http://www.telos-eu.com/fr/article/la-tectonique-des-plaques-demographiques>.



Estruturas demográficas da Europa do Sul e do Norte de África, em 2011 e 2050, por grandes grupos etários.
 Fonte: Nações Unidas, Departamento de Assuntos Económicos e Sociais. Divisão da População (2011). Prospectiva da População Mundial: Revisão de 2010. Edição CD-ROM.